

## O QUE A LITERATURA TEM ENSINADO ÀS NOSSAS CRIANÇAS?

### *Eixo Temático 21 – Gêneros e sexualidades nas infâncias*

Manuela Cunha Peixinho <sup>1</sup>

#### **RESUMO**

É inegável o papel formador da leitura na educação de crianças, adolescentes e até adultos. Por isso, este artigo reflete sobre o que a contemporaneidade tem versado nos textos para crianças destacando a relação de gênero. Por muito tempo, os papéis femininos e masculinos eram estanques: a elas, era reservada a personagem frágil e bela; a eles, era esperado o papel de forte e honrado. Os estudos feministas e as mudanças sociais tensionaram os clássicos literários infantis, possibilitando inclusive a releitura de obras que reiteram estereótipos. Torna-se válido ponderar sobre novas narrativas avaliando como estão sendo construídas as personagens e abordadas questões referentes ao mundo feminino e masculino. Para tanto, articula-se estudos sobre gênero às reflexões sobre literatura infantil.

**Palavras-chave:** Literatura infantil; Gênero, Personagens, Leitura.

#### **INTRODUÇÃO**

A leitura assume um importante papel para crianças: é espaço de fruição e de aprendizado. O livro infantil tem ocupado espaço privilegiado nas prateleiras contemporaneamente com a ampliação de espaços de leitura: escolas, casa, clubes de livros, contação de histórias por plataformas e aplicativos, além de leitura em *podcast* etc. Em cada um destes espaços, algum livro é lido, recontado, interpretado.

Nas narrativas, além de entretenimento, muito ensinamento é passado, reiterado ou naturalizado. Neste sentido, este trabalho visa refletir, como em um ensaio, sobre o que a literatura tem ensinado às crianças atualmente, destacando a relação/construção

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura e Cultura (UFBA), docente do Instituto Federal da Bahia; coordenadora do projeto de pesquisa “Literatura infantil baiana: perfis femininos, representação e identidades”, vinculado ao Grupo de Pesquisa Linguagem e Representação do IFBA, manuelapeixinho@yahoo.com.br;

dos personagens no que se refere ao gênero. Para ilustrar as discussões, serão analisadas obras contemporâneas da autora baiana Emilia Nuñez. A seleção se dá por fazer parte da análise do projeto de pesquisa “Literatura infantil baiana: perfis femininos, representação e identidades”, vinculado ao Grupo de Pesquisa Linguagem e Representação do IFBA, que visa ponderar sobre a construção das personagens femininas nas obras de autoras baianas da contemporaneidade, bem como a representação de suas identidades.

Comumente espera-se uma “moral da história” na narrativa para os infantes, muito comuns na fábula. Entretanto, esta “moral” não é pré-requisito nato para a produção deste tipo de livro. O prazer da leitura, a brincadeira com palavras e imagens podem ser o mote principal de um fazer escrito, inclusive para crianças. Seja por fruição ou aprendizado, as narrativas contam histórias que podem se aproximar da realidade em graus diversos.

O ato de contar histórias é considerado como uma das atividades pedagógicas que devem ser desenvolvidas, em sala de aula, diariamente, pelo educador pré-escolar. Desta forma este pode selecionar textos da Literatura Infantil com o objetivo de desenvolver um trabalho voltado para a construção da moralidade infantil, por intermédio, principalmente, da clarificação dos valores sociais e morais que irão permear todo o julgamento das crianças, no que se refere às ações das personagens. (OLIVEIRA, 2007, p.109).

Nos textos lidos tanto em casa quanto no ambiente escolar, pode haver um ensinamento principal aparente, que a criança não deve ou deve agir de determinada maneira socialmente. Entretanto, estão embutidas intrinsecamente na construção da narrativa visões do mundo, inclusive de gênero. Destacam-se, nestes textos, três itens-chaves que discutiremos neste artigo: (1) vestimentas como marcação de gênero, (2) papel do pai e da mãe como representação de gênero, (3) relação entre as personagens masculinas e femininas. Analisaremos esses três elementos em duas obras: “A jacarezinha que mordida” (NUÑEZ, 2017) e “A banda das meninas” (NUÑEZ, 2019). A escolha por estas duas obras se dá em razão de cada uma possuir um público-alvo de faixa-etária diferente, possibilitando uma reflexão mais holística do assunto.

Escrito por Emília Nuñez, o livro “A jacarezinha que mordida” (NUÑEZ, 2017), apesar de ter uma personagem que é um animal (personagem zoomorfizada), mas que se comporta como criança, aborda um dilema do mundo infantil: a mordida. Este é o típico livro que tem uma questão central com o intuito de trazer um ensinamento do mundo



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

social: utilizar palavras e gestos como o beijo para se comunicar ao invés da mordida. É comum na fase de 1 a 3 anos, período de um desenvolvimento significativo da linguagem verbal do infante, que algumas crianças que por não conseguirem verbalizar com clareza seus desejos e anseios recorram à mordida como manifestação linguística. Obviamente, ato não bem visto socialmente. Para tanto, o livro referido trata da história da protagonista Jaquinha que morde seus colegas (ursinha, hipopótamo, garça) a ponto do avestruz se esconder sempre que via Jaquinha por medo de ser mordido. No meio do texto, os bichos (pais dos colegas) se reúnem e vão reclamar dessa atitude com a mãe de Jaquinha que tenta coibir a atitude da filha. Só quando chega um aluno novo beijando a professora que a jacarezinha entende que pode expressar afeto com beijo. Assim, há uma história aparente que trata do não morder, todavia, de maneira latente, há alguns discursos sobre o universo dos gêneros. Abordaremos os três itens-chaves apresentados na obra.

No que se refere às vestimentas como marcação de gênero, no livro, Jaquinha é uma jacaré verde com bolinhas azuis e laço rosa. O laço remete à feminilidade da personagem. A mãe é uma personagem interessante que usa apenas um avental durante o livro, fato este que remete ao ambiente doméstico, em especial à cozinha. A ideia de que a mulher serve o lar remete a épocas remotas, em que o cuidar era (e de certa forma ainda é muitas vezes) visto como um papel feminino. Além do avental, a mãe da protagonista usa batom rosa destacando seu gênero de maneira estereotipada.

Durante o livro, a jacarezinha morde alguns colegas: a “ursinha”, como é chamada, usa uma saia plissada laranja destacando seu gênero feminino, o hipopótamo não usa vestimenta e é representado como masculino, bem como o avestruz, o tigrinho, o coelho. A professora usa um chapéu preto com fita rosa e uma flor. Por sua vez, a “dona Garça” é representada como personagem feminino, tendo em vista o pronome de tratamento “dona” e sua vestimenta remete à aviação. Ela usa um chapéu de aviador e óculos de proteção, bem como um cachecol marrom. Essa personagem foge aos estereótipos de cores e modelitos para o gênero feminino. De maneira geral, o masculino, quanto à vestimenta ou sua ausência permanece sendo a normal, afinal, animal não usa roupa no contexto real e, para destacar que se refere a uma personagem feminina, a autora e o ilustrador Heitor Neto, utiliza peças e cores tidas como feminina: saia, laço, avental, rosa, flor, com a exceção da dona Garça. De forma sutil, a criança reitera esses estereótipos na leitura.

No que se refere ao papel do pai e da mãe como representação de gênero, destaca-se que, em nenhum momento, se fala do pai de Jaquinha, ou de outra mãe. Pode ser significativo o silenciamento paterno, haja vista que a obra fala do cuidado que a mãe deve ter com sua filha ao ensiná-la modos sociais.

Por fim, não há distinção quanto a relação entre as personagens masculinas e femininas, pois Jaquinha morde seus colegas independente de gênero, bem como a reação deles é bastante similar, fato importante por não intensificar uma pretensa fragilidade das personagens femininas, especialmente pelo livro ser indicado para crianças de 0 a 3 anos.

A escola, a família, os livros lidos, os filmes assistidos, conversas escutadas, tudo o que a criança já teve contato pode afetá-la de diversas formas. São nessas representações de situações sociais, como as narrativas, que a criança entra em contato, muitas vezes pela primeira vez, com situações sociais aprendendo como portar-se quando chegar a sua vez de estar nesses locais. Logo, se as narrativas infantis, muitas vezes, reproduzem discursos retrógrados dos lugares sociais ocupados por suas personagens femininas, as leitoras-crianças aprenderão, em algum grau, as limitações dispostas na obra. Considerar as meninas/mulheres como apenas sensíveis, frágeis, sentimentais em oposição à força e racionalidade masculina é uma das formas de contenção delas na sociedade, limitando seu espaço social (BOURDIEU, 2010, p. 19).

Já o livro “A banda das meninas” (NUÑEZ, 2019), voltado para crianças de 4 a 10 anos, foca na história aparente e na história latente em uma questão de gênero. A ilustração ficou por conta de Ana Paula Azevedo. A narrativa conta a vida de Leiloca que sempre sonhou em tocar bateria em um conjunto. Após tentar se inscrever para um teste em uma banda e ter sido questionada pelo simples fato de ser menina, já que a banda tinha apenas meninos, criou sua própria banda com suas amigas e com o primo de Maria – uma das integrantes. O nome da banda era Minassauras. Para analisar os três itens-chaves deste trabalho, vale destacar alguns pontos.

Quanto às vestimentas, a protagonista muda bastante de figurino. Entretanto, não há a constância de um estereótipo: na primeira cena, ela está de blusa larga roxa, shorts escuros, um tênis preto e branco e um pequeno laço amarelo. Usa uma mochila com chaveiro de dinossauro, animal este que aparece também em uma roupa sua enquanto era bebê e que vai dar nome à banda criada pela garota. Ela também usa vestido, calça, uma blusa com a frase “Fight like a girl”, ou seja, “lute como uma garota” em inglês, já

denotando que a representação de sua figura transcende estereótipos estanques do local social feminino de fragilidade. O mesmo acontece com as outras personagens como suas amigas e o primo de Maria – Dambiel, que não se incomoda em fazer parte de uma banda com meninas e pela banda se chamar “As minassauras”. Vale destacar que, no português, o masculino é a norma, o termo genérico e o feminino é o outro. Basta compreender que falamos “homem” tanto para se referir ao sexo masculino quanto para falar de humanidade (englobando a mulher), do contrário, chamar um homem de mulher é, muitas vezes, considerado demérito.

No que se refere à visão dos pais, seu pai aparece apenas em uma passagem, quando ela necessita de dinheiro para fazer um curso de bateria. O pai explicou que já pagava o inglês e o *ballet*, logo não teria condições de arcar com outra atividade. Vale destacar que ele não solicitou que a menina escolhesse entre o *ballet* e o curso de bateria, por exemplo, pois a dança já era o “certo”. Nas ilustrações, apenas nessa página, aparece a figura do pai em um porta-retrato ao lado da filha. A mãe, por sua vez, aparece quando lhe dá o maior conselho ao afirmar que ela tem talento na bateria: “vá lá e arrase” (NUNEZ, 2019, p. 10), frase que a motiva a encarar os desafios. Esse encorajamento empodera sua filha e as leitoras. “O livro tem um papel formativo, tanto pelo convívio leitor/ livro quanto pelo diálogo leitor/texto” (PEIXINHO, 2015, p.4), dessa forma, a criança ao ler ou escutar alguém lendo as narrativas infantis aprende não apenas etiquetas sociais, mas também a desenvolver habilidades emotivas e psicossociais, como ter coragem, ser fiel, ter foco etc.

A relação das crianças se dá de duas formas: (1) com o grupo de meninos que negam o teste de bateria à Leiloca, (2) com o grupo que se une para formar *As Minassauras*. No que se refere ao item 1, percebe-se claramente a misoginia presente. Questionam o fato dela ser menina, se ela teria força física suficiente para tocar bateria, se ela estaria mesmo preparada denotando, intencionalmente, uma visão preconceituosa acerca de gênero. Tal situação se desinfla com a formação do grupo de Leiloca, contando não só com suas amigas, mas também com o primo de uma delas. A inclusão da figura do menino em uma banda de meninas demonstra que não precisa ser apenas de um sexo para que se forme uma confraria. Eles se unem através da paixão pela música e dividem seus momentos entre si.

Pode-se destacar que, de fato, a literatura tem um lugar primordial na formação dos leitores mirins, logo é necessário expô-los a textos que comunguem com o contexto contemporâneo de relocação dos papéis sociais masculinos e femininos. Para tanto, analisou-se duas obras de Emília Nunez, uma voltada para a primeira infância e outra para crianças de 4 a 10 anos. Pôde-se perceber que, na primeira, a divisão social de gênero é bem evidenciada. Dessa forma, nas primeiras leituras, a criança tem uma visão limitada das questões sociais de gênero, muitas vezes ainda estereotipadas. Já na obra para crianças maiores, há um tensionamento muito mais claro dessa divisão de masculino e feminino, denotando que é preciso que se veja o outro como ser humano e como potência independente do gênero.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação Masculina*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NUÑEZ, Emília. *A banda das meninas*. Ilustração: Ana Paula Azevedo. Salvador: Tibi, 2019. 36 p.

\_\_\_\_\_. *A jacarezinha que mordida*. Ilustração: Heitor Neto. São Paulo: Tibi, 2017. 32 p.

OLIVEIRA, Aurea. *Literatura Infantil: o trabalho com o processo de construção de valores morais, na educação infantil*. Educação: Teoria e Prática. v. 16, n.28, jan.-jul.-2007, p.101-121.

PEIXINHO, Manuela. *Práticas de leitura na escola: perspectivas, representações e formação*. Revista Moinhos, v.5, 2015, p. 01–08.